JDE 98

ANO XVII

JORNAL DE ESPIRITISMO

JANEIRO . FEVEREIRO . 2020

JORNAL BIMESTRAL DA ASSOCIAÇÃO DE DIVULGADORES DE ESPIRITISMO DE PORTUGAL

DIRETOR . ULISSES LOPES | PREÇO € 1.00

AME Norte: Congresso sobre Medicina e Espiritualidade

Durante o fim de semana de 23 e 24 de novembro a Associação Médico-Espírita do Norte (AME Norte) organizou sob a égide da AME Internacional no auditório da Escola Básica de Matosinhos o seu VII Congresso sobre Medicina e Espiritualidade, subordinado aos paineis gerais "Saúde mental e espiritualidade", "Fisio(pato)logia transdimensional", "Relações familiares e espiritualidade".

Pág. 10

As nuvens também se cansam

foto pixabay

Não é difícil também verificar que, hoje, numa única cidade, encontramos dentro do critério doutrinário da escala dos mundos(...) comunidades encarnadas distintas a viver no mesmo tempo histórico em horizontes evolutivos de mundo primitivo, outras de mundo de provas e expiações e outras de mundo regenerador.

No início da segunda década do século XXI, apesar da tecnologia de que dispomos, as questões essenciais do ser humano são transversais ao seu dia a dia, agora como há milhares de anos.
Perenes, perguntas como "quem sou, que faço aqui, para onde vou", inquietam as mentes em fim de ciclo nos momentos em que o ser espiritual que cada um é aspira a uma mudança para melhor.
Há alguns dias comentava com lucidez peculiar nas redes sociais uma pessoa que não conhecemos, mediante lapsos difundidos entre homem e animais: "Começo a pensar que há muito espírita que interpreta a doutrina como mais lhe convém", com desconhecimento deliberado das fontes, acrescentamos. É verdade.
Não é exclusivo dessa temática. Se antigamente era o hábito, ou seja, a veste que fazia o monge, hoje parece ser mais fácil criar o mito de que se transporta de cenário as mesmas pessoas, com as suas qualidades e defeitos, e a população passa a ter um salto qualitativo na evolução, na verdade, "contra natura".

A roda já foi inventada. Se as lições da história forem vertidas em benefício do calendário hodierno entende-se que neste planeta, nem mesmo hoje com a dita globalização, nunca a uma fase pode suceder outra tão rápida como a subida de um degrau. Outrora, por exemplo, a Idade do Cobre nunca foi uma vaga uniforme a espraiar-se numa maré cronológica pelos continentes, acontecendo o mesmo com a Idade do Ferro. Certas comunidades chegaram ali primeiro, outras tardaram em atingi-la(s) com distância de séculos e até de milénios.
Não é difícil também verificar que, hoje, numa única cidade, encontramos dentro do critério doutrinário da escala dos mundos – constante de «O Evangelho Segundo o Espiritismo» (cap. III, Há muitas moradas) – comunidades encarnadas distintas a viver no mesmo tempo histórico em horizontes evolutivos de mundo primitivo, outras de mundo de provas e expiações e outras de mundo regenerador.
Ao falar-se de transição planetária, um chavão recente em voga no movimento espírita e não só, a única fasquia em que isso pode ser interpretado com consistência será uma lenta mudança das médias evolutivas de determinados setores populacionais, sendo certo que o cenário não faz necessariamente a qualidade do ator no teatro das vidas sucessivas. Em palavras mais simples e diretas, é evidente que se os ensaios de interiorização do dia a dia do amor incondicional que Jesus de Nazaré ensinou não obtiverem resultados progressivos, não há cenário dourado que nos mude a realidade interior. O progresso espiritual funciona por dentro de cada um.
A batuta da credibilidade e do bom senso já foi quebrada várias vezes pelo movimento espírita desde a partida de Allan Kardec. Hoje, percebe-se que repetir isso não faz sentido. Vale a todos o facto de as nuvens, não poucas vezes, também se cansarem de esconder o céu azul.

Texto: JG

O pirilampo

foto pixabay

Nunca te afirmes imprestável.
Num aldeamento de colonização, surgiu um químico dedicado à fabricação de remédios pesquisando as qualidades de certo arbusto que existia unicamente em cavernas.
Detendo informes de antigos habitantes da região, muniu-se de lâmpada elétrica, vela e fósforo para descer aos escaninhos de grande furna.
O homem começou a distanciar-se da luz do sol e porque a sombra se condensasse, acendeu a lâmpada desdobrando uma corda que, na volta, lhe orientasse o caminho.
A breve instante, porém, as pilhas se esgotaram. Recorreu aos fósforos e inflamou a vela, entretanto, a vela se derreteu e os fósforos foram gastos inteiramente, sem que ele atingisse o que desejava.
Dispunha-se ao regresso, quando viu, em pequeno recôncavo do espaço estreito e escuro, o brilho intermitente de um pirilampo.
Aproximou-se curioso e, à frente dessa luz, achou a planta que buscava, com enorme proveito na tarefa a que se propunha.
Anotemos a conclusão.
Quem não pode ser a luz solar, terá possivelmente o clarão de lâmpada. Quem não consegue ser lâmpada terá consigo o valor de uma vela acesa ou de um fósforo chamejante. E quem não disponha de meios a fim de substituir a vela ou o fósforo, trará sem dúvida, o brilho de um pirilampo.

Texto: psicografia de Francisco Cândido Xavier, por Emmanuel (Espírito). Obra: "Recados do Além", editora André Luiz.

Fonte: http://**www.caminhosdoamor.org.br**

Optar pela cremação é um problema?

As perguntas que nos colocam podem também ser suas ou de alguém que conheça. Por isso, selecionamos algumas para tocar assuntos que podem ser comuns à maioria dos leitores.

Alguém indaga: «O perispírito – ou corpo espiritual – sofre quando cremado? E quando o corpo é dado para a ciência ou se faz doação de órgãos? Aguardo resposta, sou grata. D.»
Resposta - A decisão sobre cada uma das situações que coloca será sempre inteiramente sua, mas uma vez que pede a nossa opinião face aos estudos que empreendemos, a nossa obrigação é dar-lhe uma ideia das correlações inerentes.
Em ambos os casos, quer seja cremação quer seja doação de órgãos, pode não haver problema nenhum decorrente dessas práticas como, em certos casos, pode haver. E, de facto, temos o dever de lhe dizer que não dispomos de uma fórmula matemática que permita avaliar isso com rigor. Cada vida humana é diferente das outras, por mais parecidas que possam ser aos olhos de outrem. Assim é também a desencarnação de cada um.
Morrer é fácil - o corpo material entra num processo irreversível de deterioração e o desligamento vai-se processando com maior ou menor facilidade, segundo cada pessoa. Desencarnar pode demorar mais tempo, já que a desabituação dos padrões densos da matéria para uns demora mais, para outros menos. Como saberá, são os hábitos mentais do dia-a-dia que determinam essa predominância de materialidade ou de espiritualidade em cada ser, com as consequências naturais que daí advêm.
Se falarmos da cremação, sem se considerar esta regra certeira para todos os casos, na maioria dos casos – com excepção dos casos de suicídio – 72 horas passadas sobre a declaração do óbito o desligamento do corpo espiritual já deverá ter decorrido de forma completa face ao corpo material, que é o que morre de facto.
Na situação que envolve a doação de órgãos, se o dador dos mesmos o faz contra a sua vontade – como, por exemplo, no caso de certas crenças religiosas muito peculiares – pode ocorrer um estado de espírito de revolta e, se a personalidade desencarnada em causa tiver condições e tendência para perseguir outrem, pode tentar criar algum tipo de obsessão, entendendo-se esta palavra como a influência perniciosa que alguma entidade espiritual menos esclarecida possa querer exercer sobre alguém. Porém, se o doador de órgãos o faz de livre vontade, no exercício daquele amor universal que Jesus de Nazaré ensina no evangelho, não virá daí nenhum mal do ponto de vista espiritual, quer para quem oferece quer para quem recebe.
Esperamos ter respondido à sua questão, parecendo-nos ser certo que, se a decisão for sua e lhe trouxer desconforto, será de optar, sem qualquer complexo de culpa, por soluções que não levantem essa dificuldade. É que a forma como vão tratar o nosso corpo material quando este já não nos puder servir de ferramenta é completamente subalternizada se encaramos cada novo dia como um espaço de cultivo de amor e sabedoria, no espírito de fraternidade operante que esta passagem nos convida a vivenciar.

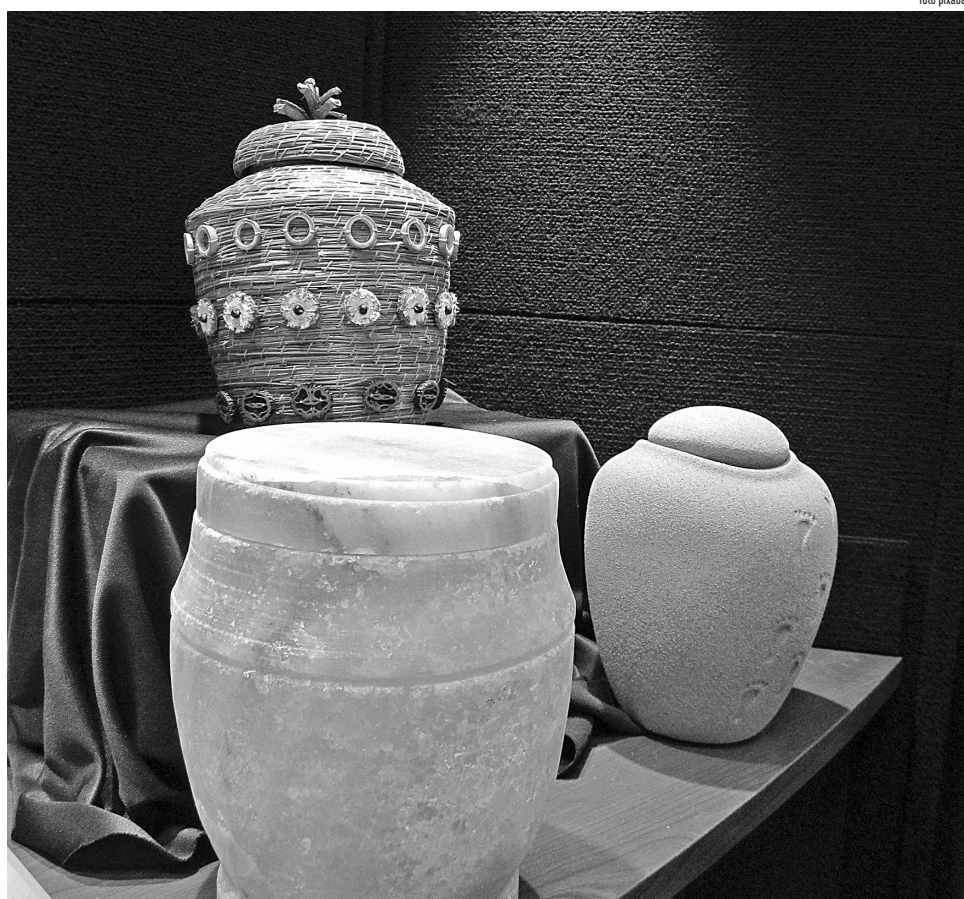



foto pixabay

Desencarnar pode demorar mais tempo, já que a desabituação dos padrões densos da matéria para uns demora mais, para outros menos.

A mediunidade pode desaparecer?

«Estou com algumas dúvidas sobre se há um tempo-limite para que possamos ver espíritos, pois já há mais de 16 anos que vejo coisas como se elas fizessem realmente parte do meu quotidiano, sem tirar os longos diálogos que tenho com alguns deles, muitas vezes conversas estranhas mas em maioria conversas amigáveis, como se tivéssemos um certo nível de intimidade um com o outro. Eu só queria saber se um dia isso vai acabar e de uma hora para a outra vou deixar de os ver», refere A.
Resposta - Se for o caso de ter faculdades mediúnicas, elas tanto podem ser suspensas a dada altura como continuar. Contudo, faria bem se procurasse uma associação espírita (não se paga nada, caso contrário não se trata de um centro espírita) junto de si, onde pudesse falar com pessoas que soubessem acompanhá-lo e ajudar a equilibrar essa sensibilidade. A mediunidade tem algumas dificuldades e, se não aprendemos lidar com elas, pode por vezes perturbar, ao ser mal interpretada.
Ao estudar a doutrina espírita aprenderá que os Espíritos não são mais do que pessoas sem corpo físico, mas com corpo espiritual. Como acontece com as pessoas pelas quais passamos na rua, umas não são recomendáveis, profundamente irresponsáveis e egoístas, e há outras que se preocupam com o bem-estar dos outros. É por isso que deve procurar um metro com que seja capaz de medir a validade do que possa estar a entender sobre o que lhe dizem as entidades espirituais com que diz comunicar. Não faça isso em casa. Procure um local adequado para aprender como lidar com essas experiências de forma equilibrada e afetivamente compensadora. A leitura de «O Evangelho Segundo o Espiritismo», de «O Livro dos Espíritos» e de «O Livro dos Médiuns» (todos de Allan Kardec) são mais-valias indispensáveis para entender melhor o que se passa consigo.
Essa faculdade, só por si, não é boa nem má, é neutra, como qualquer outra. A forma como lidamos com ela é que lhe vai trazer infortúnio ou alegria interior, pela utilização que lhe der.
A vida é uma estrada de experiências fantásticas em que de uma forma ou de outra todos vamos angariando mais condições para fixar sabedoria dentro da atmosfera do amor de Deus em que, mesmo sem sabermos, todos respiramos.
Deixamos as nossas saudações fraternas com votos de paz e alegria.

FICHA TÉCNICA

Jornal de Espiritismo
Periódico Bimestral
Director: Ulisses Lopes
Editor: ADEP **Redator:** Pedro Pereira
Maquetagem: Pedro Oliveira
Fotografia: ulisses.com.pt e Arquivo
Tiragem: 1700 Exemplares
Registado no Instituto da Comunicação Social com o n.º 124325
Depósito Legal: 201396/03

Administração e Redacção
ADEP - Rua do Espírito Santo, N.º 38, Cave Nogueira – 4710-144 BRAGA

Assinaturas
Jornal de Espiritismo
Apartado 161
4711-910 BRAGA
E-mail
jornal@adeportugal.org

Conselho de Administração
Noémia Margarido, Isaías Sousa

Publicidade
Apartado 161
4711-910 BRAGA
pub@adeportugal.org
Propriedade
Associação de Divulgadores de Espiritismo de Portugal

ADEP
NIPC 504 605 860
Apartado 161
4711-910 Braga
E-mail:
adep@adeportugal.org
http://www.adeportugal.org

Impressão
Oficinas de S. José – Braga

Encontro de Educadores Espíritas Infanto-juvenis

foto arquivo

No passado dia 10 de novembro, e à semelhança dos anos anteriores, a Federação Espírita Portuguesa contando com a colaboração do GCNDIJ, levou a cabo mais um ENEIJ-Encontro Nacional de Educadores Espíritas Infanto-juvenis.
Enquadrado no Programa de Apoio aos Pais, o Encontro destinou um espaço à abordagem do tema "Vinculação e comunicação desde o nascimento", apresentado pela psicóloga Dra. Sabla d´Oliveira, diretora do Baby Signs Portugal que, de forma clara e cativante, desenvolveu esta temática, orientando a palestra no sentido de oferecer aos presentes algumas ferramentas facilitadoras para a promoção do vínculo entre pais/educadores/filhos.
Foram abordados alguns aspetos sobre o desenvolvimento da compreensão e produção da linguagem a partir do nascimento até aos dois anos de idade, levando a uma maior satisfação das necessidades do bebé e à promoção de emoções positivas num processo amoroso e pacífico que deverá ser a Educação desde o berço.
Foi feita a apresentação do Programa Orientador para a Educação Espírita de Crianças e Jovens dos 6 aos 15 anos, novidades, materiais, novos livros e perspetivas futuras.
Outro dos pontos altos deste encontro foi a apresentação de um dos 12 temas transversais a todos os anos a "MORTE", e as diferentes formas como o tema é abordado em cada ciclo, num crescente de profundidade que prepara, esclarece e consola crianças e graúdos. Nesta abordagem, sublinhou-se a necessidade de os pais assumirem a educação espírita dos filhos, apoiando e seguindo os estudos, os encontros, conhecendo a literatura que as Casas Espíritas oferecem para os seus educandos. Espiritizar a família, num processo de crescimento contínuo.

Outro dos pontos altos deste encontro foi a apresentação de um dos 12 temas transversais a todos os anos a "MORTE", e as diferentes formas como o tema é abordado em cada ciclo, num crescente de profundidade que prepara, esclarece e consola crianças e graúdos.

No período da tarde foram feitos grupos que analisaram os diferentes materiais dos vários ciclos, já disponíveis no site da FEP e agora também em pen drive, seguindo-se um agradável e rico momento de partilha e reflexão entre os participantes de diferentes Casa Espíritas.
Foi ainda aproveitado o momento para o lançamento dos dois últimos livros, publicados para a faixa etária 15+, são eles "Até já!" e "Por aqui…´tá-se´ bem!"
Encontros como estes dão sentido ao trabalho que está a ser levado a cabo, pelo convívio, partilha e verdadeira vontade de fazer mais e melhor pelas crianças e jovens, dentro da Doutrina Espírita.
Fica ainda a informação, de que a FEP disponibiliza gratuitamente, a «pen drive» com todo o Programa Orientador para a Educação Espírita de Crianças e Jovens, a todos quantos a solicitem.

Por Ana Isabel Andrade

Existe um ângulo terapêutico no espiritismo?

Durante o VII Congresso sobre Medicina e Espiritualidade, que decorreu no auditório da Escola Básica de Matosinhos no fim de semana de 23 e 24 de novembro, Roberto Lúcio, médico psiquiatra, concedeu-nos uma entrevista.

foto pixabay

O entrevistado é diretor clínico do Hospital André Luiz, em Belo Horizonte, no Brasil, e psiquiatra e psicoterapeuta do Instituto de Assistência Psíquica Renascimento. Neste congresso representou a AME Internacional e a AME Brasil. Roberto Lúcio Vieira de Souza está ligado autoria e co-autoria de variados livros, tais como "Por que adoecemos: princípios para a Medicina da Alma", "Na viagem da vida" e "Depressão: abordagem médico-espírita", entre outros. Gentil, concordou em responder a algumas questões.

A medicina pode beneficiar do conhecimento da realidade espiritual/mediúnica própria do ser humano?
Roberto Lúcio – A medicina só ganha quando se abre a um entendimento do que é o homem na sua condição integral, na medida em que o homem pode perceber essa transcendência de uma maneira mais efetiva. Isso engrandece realmente o trabalho.
Não podemos esquecer que aproximadamente até grande parte do século XVIII a medicina não se separava das questões espirituais. Isso ficou mais evidente com as ideias materialistas do final do século XIX e com aquilo que aconteceu no século passado. Antes disso, o terapeuta, o médico, o profissional de saúde estava extremamente vinculado às questões do religioso.

É possível distinguir facilmente uma alucinação de fenómenos de vidência, como são referidos pelo espiritismo?
Roberto Lúcio – Isso vai depender muito mais da experiência e da habilidade da avaliação. Quando fazemos uma anamnese espiritual juntamente com uma anamnese médica e vemos a condição dessa pessoa, é mais fácil diferenciar isso. Mas não podemos esquecer que o homem é um todo e que, às vezes, ao mesmo tempo em que ele apresenta um processo patológico, ele também vive as suas intervenções espirituais e a sua vida transcendental.
Quando diferenciamos, o que fazemos tem por base facilitar a abordagem, oferecer um tratamento adequado. Tudo provém do espírito e deve ser cuidado como uma realidade una na vida de uma pessoa.

O sentimento de culpa tão comum na maior parte das pessoas, a partir de certo momento pode trazer doenças?
Roberto Lúcio – O sentimento de culpa sempre traz doenças. A culpa é a constatação de que o homem desrespeitou a lei. E é esse desrespeito da lei, esse sentimento de culpa que nós muitas vezes não buscamos reparar, que entendemos ser o adoecimento humano. As doenças que a medicina apresenta são resultado dessa doença primordial do espírito, que se chama egoísmo e as suas excrescências.

Existe um ângulo terapêutico na doutrina espírita?
Roberto Lúcio – Olha, eu trabalho num hospital psiquiátrico espírita em Belo Horizonte, no Brasil, e há uma tarefa constante junto dos voluntários que são espíritas e colaboram na área doutrinária. Digo-lhes sempre que são terapeutas, terapeutas desta abordagem da espiritualidade na vida humana. Não são médicos, não são psicoterapeutas, mas trabalham com o que é mais profundo. É importante lembrar que a palavra terapeuta vem do grego e significa aquele que eleva até Deus. Desse ponto de vista o trabalhador da casa espírita que se propõe auxiliar o indivíduo à transformação primordial da vida é um terapeuta – é um instrumento para levar a pessoa até Deus.

Como compara os resultados de um hospital vulgar e de um hospital como aquele em que trabalha?
Roberto Lúcio – Primeiramente dentro do hospital entendemos que a terapêutica complementar espírita é um dos ângulos do tratamento. Faz parte do trabalho. O hospital só oferece esse tratamento aos pacientes e familiares que concordam e aceitam, consentem, o tratamento. No caso, é a grande maioria. As pessoas procuram o hospital pelos resultados.

E é esse desrespeito da lei, esse sentimento de culpa que nós muitas vezes não buscamos reparar, que entendemos ser o adoecimento humano

A nossa maior preocupação é a humanização do tratamento. Tratar as pessoas de uma forma humanizada e oferecer-lhes apoio e consolo. Muitos dos pacientes que recebemos são pacientes crónicos e nessa condição eles não têm de maneira nenhuma recursos para vencer a sua doença nesta reencarnação. Então, o apoio espiritual é fundamental nesse contexto.

Qual o melhor remédio contra a depressão?
Roberto Lúcio – O melhor remédio contra a depressão é alguém assumir que está doente. Só o indivíduo que assume que está doente é que vai procurar tratar-se.
A grande dificuldade é que a maioria das pessoas deprimidas querem que se tenha dó delas. Não querem assumir que são responsáveis pelo seu adoecimento e que precisam se tratar como um todo, tomando medicação, fazendo terapia e buscando nos recursos da espiritualidade o processo de transformação. Quando a pessoa faz isto, ela consegue sair desse processo tão difícil.
Texto: JG e J. Lucas

AME Lisboa: I Seminário de Medicina e Espiritualidade

Dia 16 de novembro de 2019, Associação de Comerciantes de Lisboa. I Seminário de Medicina e Espiritualidade, organizado pela Associação Médico-Espírita de Lisboa (AME Lisboa) com a chancela da AME Internacional e o apoio da Federação Espírita Portuguesa (FEP). O tema geral centrou-se em "Desafios do ser e da dor".

foto arquivo

Sábado de manhãzinha foi preciso levantar bem cedo. Apetecia dar mais uma volta na cama, mas estava combinado. Outros esperavam a minha boleia em direcção a Lisboa. Lá andámos uma hora na estrada, em busca de algo. Não é para qualquer um, é preciso ter gosto naquilo de que se gosta, pensei, ao encontrar cerca de 200 pessoas de várias regiões de Portugal, desde Quarteira (Algarve) até ao Porto, que me tenha apercebido.

Entrámos, e logo nos chamou a atenção a organização impecável, esmerada, cuidada, um sorriso nos lábios, próprio de quem gosta de nos rever. Uma pasta identificativa do evento, material de divulgação, informação, uma esferográfica com o logótipo da AME Lisboa, crachá moderno e com o nome do evento, um livro de Divaldo Franco com capa específica para este seminário ("Libertação pelo Amor"), programa estilizado e a cores.

Cada passo dado e um ou outro beijo, cumprimento, reencontrando amizades, conhecendo gente nova: que bom! É a lei de sociedade, como ensina "O Livro dos Espíritos" de Allan Kardec. Só assim, numa vida de relação, evoluímos, sem dúvida. Olhando para o lado, uma enorme, diversificada e barata bibliografia espírita, fornecida pela FEP. Quanto trabalho ao longo dos vários anos, devem ter tido, para que possamos, hoje, fruir de bons livros espíritas, que em vez de virem do Brasil são feitos em Portugal, a 1/3 do preço. A maior caridade que se pode fazer com o Espiritismo é divulgá-lo, dizia o Espírito Emmanuel.

Veio-me à cabeça! Quanta caridade ali exposta, quanto consolo, quantas lágrimas a secar, desespero a eliminar, quiçá vidas a salvar. Excelente e nobre trabalho que a FEP tem efectuado, nesta área.

O evento começou com as apresentações da praxe, envoltas na música lírica de João Paulo e Luís Peças, com o mestre-de-cerimónias Esteves Teiga a deixar nas suas intervenções sempre um lastro de alegria, ânimo e uma ou outra reflexão oportuna. Durante todo o dia respirava-se no ambiente envolvente um ar que cheirava a amizade, bem-estar, harmonia.

A enfermeira Cristina Pereira falou dos aspectos espirituais do coma, seguindo-se a sua colega Natércia com o tema da parentalidade. Depois de um intervalo de 30 minutos, o psiquiatra Roberto Lúcio (Minas Gerais, Brasil, representante da AME Brasil e da AME Internacional) falou do suicídio e da assistência aos sobreviventes. Já se sentia o roncar do estômago, estava na hora de reabastecer o corpo, depois de termos alimentado o Espírito. Duas horas depois, a psicóloga Lourdes Barbosa recomeçava, falando de perdas afectivas. Gláucia Lima, psiquiatra, abordou um tema sempre difícil de entender: os filhos difíceis, a hiperactividade, défice de atenção, autismo.

Estava na hora de um cafezinho, em novo intervalo, para dar tempo para mastigar bem os conceitos escutados, enquanto se ouviam mil e um "olá", beijinhos, cumprimentos, sorrisos, alegria, muita alegria e boa disposição no ar.

No recomeço, a jovem médica Joana Farhat veio propositadamente do Porto para falar do poder do pensamento na saúde e na doença, terminando o evento (antes de outro trecho musical e do encerramento oficial pelo presidente da FEP) com outra conferência de Roberto Lúcio, que falou da terapia para a alma, libertação pelo amor. Se a primeira conferência deste médico foi mais técnica, esta foi técnico-moral, fazendo uma ligação entre o conhecimento médico e a mensagem que Jesus de Nazaré deixou na Terra há 2 mil anos. A páginas tantas, uma frase alertou o radar da minha atenção: "Não viemos à Terra, nesta reencarnação para salvar o mundo, para salvarmos os outros, para sermos perfeitos. Se sairmos daqui no fim da vida corporal, um pouco melhor do que quando chegámos (pelo nascimento), já terá valido a pena."

Gláucia Lima, psiquiatra, abordou um tema sempre difícil de entender: os filhos difíceis, a hiperactividade, défice de atenção, autismo.

Foi difícil sair do espaço, apetecia ficar, continuar, conviver mais, mas os afazeres do quotidiano são implacáveis. Fomos embora, cada um para a sua localidade de residência, para a sua casa, valeu a pena.

Este evento dignificou a Doutrina dos Espíritos, codificada por Allan Kardec, em todos os aspectos: partilha de conhecimento, convivência saudável, ideias de melhoria moral em todos os presentes.

Chegámos a casa de alma cheia, mas aquela tirada final deixou-me a pensar... viemos à Terra para sairmos daqui... um pouco melhor... do que quando entrámos!

Como diria o saudoso jornalista português, Fernando Pessa: "E esta, hem?..."

Um pouco melhor... basta!

Por José Lucas - jcmlucas@gmail.com

Divaldo Pereira Franco em Lisboa: o homem integral

Numa época em que o cuidado com a alimentação está em voga, buscam-se produtos mais saudáveis, o pão integral, a agricultura biológica… já experimentou a receita do Homem integral?

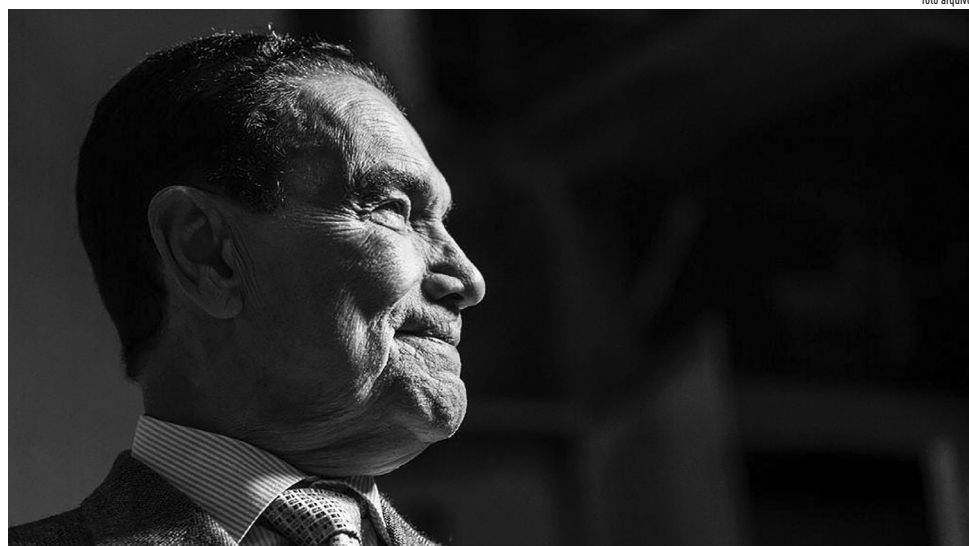



foto arquivo

Dia 26 de novembro, uma terça-feira, pelas 21h00, decorreu uma apresentação desse modelo existencial, em Lisboa, no auditório da Faculdade de Medicina Dentária da Universidade de Lisboa.
Havia algo de especial, fora do normal. As viaturas deslocavam-se auto-estrada fora, em busca da capital portuguesa.
Outros apanhavam os transportes públicos, desde longe, em direção a Lisboa.
Chegámos pelas 19h30 (1h30 antes do evento) e uma enorme fila já se constituía, na esperança de entrar no vasto auditório. Uma diversa e rica livraria espírita era absorvida pela multidão. Ao lado, numa mesa, uma pessoa de 92 anos de idade numa cadeira de rodas, quiçá com dores, autografava livros atrás de livros, sempre com um sorriso. Isso não o impede de viajar anualmente mais de 200 dias, divulgando a doutrina espírita, que não é mais uma religião ou seita, mas sim, ciência, filosofia e moral.
Estamos a falar de Divaldo Pereira Franco, educador, espírita, médium, o maior divulgador da doutrina espírita no mundo entre nós, “Doutor Honoris Cause” por várias universidades, entre as quais Sorbonne, Embaixador Mundial para a Paz, fundador da Mansão do Caminho, na cidade da Bahia, Brasil, instituição modelar a nível mundial, por onde já passaram mais de 130 mil crianças pobres, que foram integradas na sociedade.
Ele ia a caminho de Espanha, para estar no congresso da Federação Espírita Espanhola, mas foi “obrigado” a fazer uma paragem técnica em Portugal. Era preciso reabastecer, não o avião, mas os portugueses, com fome de espiritualidade, de paz interior, de esperança, de consolo espiritual.
Mais de 700 pessoas de vários locais do país, encheram o vasto auditório, muitas delas sentadas no chão, para ouvir o Embaixador da Paz, o Homem que, além de falar, exemplifica, homem pobre de posses materiais e rico de espiritualidade.
De repente… a escuridão.

Tal semeadura faz-se obrigatória, para que amanhã possamos fruir da “dieta” do homem integral, que nos livrará definitivamente das gorduras e inconvenientes do orgulho, da vaidade, do egoísmo

Um trailer do filme “Divaldo – o mensageiro da Paz”, da Fox Filmes, vai rolando, filme este que está ainda em exibição no Brasil. Música lírica e a apresentação do presidente da Federação Espírita Portuguesa (FEP).
Estava na hora do ágape espiritual.
Foi posta a mesa, distribuídos os pratos e, Divaldo Franco, através da sua verve, foi distribuindo às mais de 700 pessoas presentes o alimento que sacia para sempre: um consolo aqui, esperança ali, conhecimento mais além, sorrisos, doutrina espírita, esclarecimento, partilha de experiências pessoais, convite à vivência da ética e da moral de Jesus de Nazaré (base moral da doutrina espírita), tudo isto de forma que todos ficassem saciados e determinados na busca do homem integral, dentro de si, sem procurar a dieta da felicidade fora de si, no materialismo anestesiante.
Fazendo uma viagem pela história recente da Humanidade, Divaldo abordou a psicologia transpessoal, desta chegou à ciência do Espírito, hoje prova irrefutável, convidando os presentes ao auto-amor, ao amor ao próximo, ao perdão, à compreensão, à tolerância, à alegria de viver no serviço ao próximo, sem esperar receber qualquer recompensa.
Tal semeadura faz-se obrigatória, para que amanhã possamos fruir da “dieta” do homem integral, que nos livrará definitivamente das gorduras e inconvenientes do orgulho, da vaidade, do egoísmo e de todos os defeitos que ainda carregamos, neste planeta de provas e expiações, em trânsito milenar para um planeta mais feliz, de regeneração.
O banquete terminou com o lindo poema do Espírito Amélia Rodrigues, o poema da gratidão, seguido de prolongada ovação do público, agora com o “estômago espiritual” mais recomposto.
Divaldo Franco diz a um ou outro que ainda pretendia um autógrafo: “Até Outubro” (altura em que vai decorrer o Congresso Internacional de Espiritismo em Lisboa). E lá foi o semeador de estrelas, porta fora, numa noite em que a única estrela que se vislumbrava era ele próprio, numa espécie de “complot” da Natureza, que fez questão de omitir as constelações da abóboda celeste com as nuvens, para que esta estrela de duas pernas brilhasse mais um pouco nos nossos corações.
E lá foi ele, saindo de novo a semear, em direcção a terras de “nuestros hermanos”…

Por José Lucas - jcmlucas@gmail.com

Experiências de quase-morte valorizam a vida

Médica canadiana, professora do Departamento de Psiquiatria da British Columbia University, Elaine Drysdale integrou o quadro de formadores dedicado a profissionais da área da saúde durante o VII Congresso sobre Medicina e Espiritualidade, organizado pela AME Norte, que decorreu no fim de semana de 23 e 24 de novembro no auditório da Escola Básica de Matosinhos.

foto arquivo

O congresso integrou um seminário para profissionais de saúde sobre Espiritualidade e Investigação Científica, no qual Elaine Drysdale, psiquiatra, falou sobre «Experiências de Quase-Morte na prática clínica», bem como sobre «A Interface entre a Psiquiatria e a Espiritualidade». No dia seguinte surgiu a oportunidade de lhe colocar algumas perguntas.

O que são as experiências de quase-morte (EQM)?

Elaine Drysdale – As experiências de quase-morte (EQM) são um estado alterado de consciência que ocorre quando alguém sofre uma paragem cardíaca ou quando há uma situação de elevado stress, como acontece, por exemplo, num acidente de viação.
O que será determinante não é a situação de perigo de vida com que a pessoa depara, mas sim o estado alterado de consciência em que se encontra. O mais interessante é que isso ocorre quando se pensava que não haveria qualquer tipo de consciência, em estado de coma ou até quando se acaba de declarar o óbito. Não obstante, esses pacientes revelam ter estado conscientes, o que é incrível.

Estes casos de EQM aparecem na sua prática clínica?

Elaine Drysdale – Estes casos são bastante comuns, envolvem 5% da população. Este número é muito expressivo porque as pessoas tendem a não falar disto abertamente. Sentem que é um assunto privado e não querem ser ridicularizadas. Porém, são fenómenos habituais. Ocorrem com 80% de pacientes reanimados de crises cardíacas. Há muita gente que teve uma EQM e não nos apercebemos disso. Por vezes são até familiares, amigos e pessoas próximas. Acredito que muitos dos meus pacientes passaram por uma EQM, mas provavelmente as ocultam. Quando pergunto especificamente é interessante notar que muitos deles passaram por uma EQM, nalguma das suas fases, durante uma cirurgia com anestesia geral.

Informação relativa aos dados pessoais dos assinantes do JDE

O JORNAL DE ESPIRITISMO (JDE), publicado periodicamente pela Associação de Divulgadores de Espiritismo (ADEP), possui uma modalidade de chegar aos seus Leitores através do pagamento de uma assinatura anual, para a qual se torna necessário o preenchimento de um Cupão de Assinante onde consta por razões óbvias sobretudo o nome, a morada e a forma de contacto, enquanto dados pessoais de identificação. O jornal segue pelo correio, juntamente com informação da política de privacidade.

A forma preferencial de contactar os assinantes sobre os assuntos relacionados com a sua assinatura do jornal, quando necessário, é o e-mail, mas quando por alguma razão excecionalmente este não funciona de forma adequada pode ser necessário estabelecer um contacto telefónico. Por isso, quando alguém assina o JDE está a concordar automaticamente com a cedência dos seus dados pessoais para este fim.

Os dados pessoais dos assinantes, presentes no Cupão de Assinante do JDE, são guardados numa pasta a que tem acesso o colaborador em serviço nessa tarefa, não sendo partilhada com mais ninguém, salvo se algum responsável da ADEP ligado a este setor vier a necessitar de esclarecer alguma dúvida.

Terminado o período de assinatura do JDE, se o assinante não a renovar, o dito cupão de assinante arquivado na respetiva pasta será fisicamente destruído no prazo de um ano pelo colaborador ligado a essa tarefa.

Sentiram-se, por exemplo, a flutuar sobre o seu corpo físico, ou parecem ter estado presentes a assistir a alguma conversa noutra parte do edifício ou sentiram ter passado por um túnel.
Assim, há muitos aspetos por que as pessoas passaram que pode não ter sido a totalidade do fenómeno, mas, se perguntar, há um considerável número de pacientes que de alguma maneira terão passado por estas experiências.

Estar ciente desta realidade afeta a prática clínica e os pacientes?
Elaine Drysdale – Penso que as EQM têm um grande efeito nos pacientes. Se perceber que alguém passou por uma EQM sublinho que não é caso para a pessoa em causa se sentir ridicularizada ao referi-la. Não creio que seja explicável apenas por uma questão infeciosa ou por hipoxia. Por isso valido a experiência por que o paciente passou, embora saiba que 95% da população não passou por esse fenómeno.
Como muita gente tem pânico de morrer, ao falar das EQM a pessoas nessa condição coloco-lhes com frequência esta pergunta: «Conhece alguém que já tenha tido uma EQM ou do que é que isso trata?». Explico que as pessoas se aproximam tão perto quanto possível do que seja morrer e depois regressam e dizem-nos o que se passou. O processo de morrer parece estar envolvido num contexto de paz, independentemente do que pareça se visto do exterior. Há também implicações espirituais nas quais se pode acreditar ou não. Penso que é importante reconhecer clinicamente o fenómeno das EQM por várias razões.

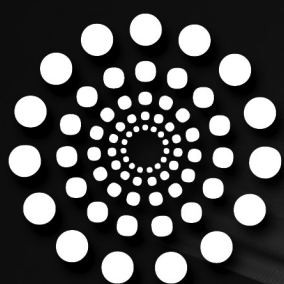
Como psiquiatra contacta com pacientes que pensam no suicídio. Esta tendência tem algumas implicações nas EQM?
Elaine Drysdale – É importante transmitir informações relativas às EQM e dirigi-las a pessoas que tentaram o suicídio ou que não encontrem significado para a sua vida.
O que por vezes pergunto aos meus pacientes numa emergência é se já ouviram falar sobre as EQM. Se não sabem, explico que é uma experiência que algumas pessoas tiveram quando estiveram muito perto de morrer, por exemplo, com uma paragem cardíaca, e depois regressam e falam do que viveram. Falam de um sentido de amor incondicional no universo, mas mais importante até é perceber que a sua vida tem um significado, que está aqui com um propósito e é uma pessoa amada. Trata-se de um fator espiritual, mas ao mesmo tempo não é suposto deixarmos esta vida antes do seu término natural. Porque, pelas histórias das pessoas que tentaram suicidar-se e não conseguiram, há fatores que apontam para terem de voltar a passar pelas experiências que rejeitaram e só depois poderão avançar. Não há qualquer benefício em deixar a vida prematuramente. É preferível resistir e enfrentar os problemas para depois os ultrapassar e seguir caminho.

O mais interessante é que isso ocorre quando se pensava que não haveria qualquer tipo de consciência, em estado de coma ou até quando se acaba de declarar o óbito.

Parece-me que tentar o suicídio é como abandonar num certo ano o percurso universitário quando se está a meio e as dificuldades parecem insuperáveis, para depois se arrepender e ter de voltar ao princípio. Não é suposto abandonarmos a vida antes do seu término natural. É altura de perguntar: o que dá significado à sua vida? O que pode preencher a sua vida?
É claro que não o único apoio que se pode dar a quem pensa em suicídio. Podemos prescrever um tratamento, o caso pode até requerer hospitalização, medicação, mediante a preocupação pela sua segurança. Não é a única coisa a fazer mas é importante alertar as pessoas para o facto de que são amadas, até sem saberem, que há esse sentimento universal e que se encontram aqui por uma razão.

Quais são os efeitos na vida das pessoas que tiveram uma EQM?
Elaine Drysdale – Os efeitos são profundos. Quem teve uma EQM diz que se tinha medo de morrer deixou de o ter. Sabem que há uma experiência de paz e que a vida continua. Dão mais valor à dimensão espiritual da vida. Se eram ateus ou agnósticos tendem a ser pessoas de fé, com um sentimento de que são pessoas queridas onde quer que estejam, desenvolvem um sentido de gratidão pela vida que têm e querem vivê-la em plenitude. Há uma ênfase acentuada no sentido da vida e a noção de que a parte invisível do universo ainda é bastante desconhecida aguarda por nós.
Os efeitos de uma EQM são diferentes de um delírio em que as pessoas se sentem esfusiantes por já não estarem doentes. As EQM são muito diferentes e afetam a vida das pessoas intensamente.
Além disso, há alguns factos interessantes. Sentem por vezes que a sua energia eletromagnética está diferente, os relógios não funcionam tão bem, e outros factos que foram descritos pelo Dr. Melvin Morse no livro "Transformed by the Light", em casos de EQM relacionados com crianças.

Conheceu uma pessoa muito ligada à investigação das EQM, o Dr. Raymond Moody Jr. Pode contar-nos algo sobre ele?
Elaine Drysdale – O Dr. Raymond Moody é um homem fascinante e muito gentil. Tem um doutoramento em Filosofia e quando foi estudar Medicina conheceu dois casos de EQM. Pensou que não podia ser a única pessoa a saber disso.
Assim, entrou na unidade de Cardiologia e entrevistou pessoas que tiveram paragens cardíacas. Ao entrevistar pessoas que estiveram perto de morrer, descobriu que com frequência diziam ter flutuado sobre o corpo físico e terem sido declaradas mortas. Algumas foram até capazes de ver algo noutras cidades e subir na atmosfera a ponto de ver o Globo terrestre com a sua luz azul. As pessoas referem a passagem por um túnel onde podem encontrar um ser de luz no seu fim. Por vezes encontram parentes já falecidos e amigos que celebram a sua chegada. Outras vezes têm uma retrospetiva da sua vida, desde que nasceram até àquela altura. Vêem esses acontecimentos como foram mas sentem a questão moral de como procederam neles.
O Dr. Raymond Moody falava às pessoas sobre isto e estava consciente das características deste fenómeno de EQM. Ele escreveu em 1975 um livro para elucidar, caracterizar os seus vários aspetos e tornou-se um "best seller". Vendeu muitos exemplares, teve várias edições, foi traduzido em várias línguas, teve efeitos em todo o planeta. Diante disso, as pessoas começaram a falar mais no assunto.
Mas a minha convivência com o Dr. Raymond Moody foi como estudante de Medicina. Alguém me disse para o contactar. Reparei que foi muito recetivo à perguntas que tinha para lhe fazer. Excelente investigador, caracterizou o fenómeno das EQM e encorajou as pessoas a falar dele. Tinha um excelente sentido de humor e revelou-se fundamental para que as pessoas falassem mais abertamente das EQM. Penso que é uma personalidade maravilhosa que teve um grande efeito nesta área.

Como se sentiu no VII Congresso sobre Medicina e Espiritualidade, em Matosinhos?
Elaine Drysdale – Penso que este congresso foi maravilhoso. Ter um evento que junta aspetos próprios da medicina aos da espiritualidade é um passo em frente que indica aos profissionais de saúde que devemos ter mais em conta esta vertente no tratamento das doenças. Deixa também uma mensagem para o público em geral: isto é importante! Médicos e terapeutas devem ter noção da importância da condição espiritual do paciente.
Senti-me diante de uma experiência profunda, com bons oradores, apreciei as vossas apresentações e os vossos posters com os quais aprendi algo. Senti que este congresso foi muito amigável. As pessoas ligadas à espiritualidade são pessoas acolhedoras e simpáticas. Sinto-me grata por estar aqui e à Dr.ª Sónia Doi, a presidente da AME Internacional, que está a fazer um ótimo trabalho, a organizar programas destes e a gerar oportunidades sucessivas às pessoas para aprenderem mais.
Texto: JG e JF

Congresso da AME Norte: não acham fantástico?

fotos ulisses.com.pt

O auditório da Escola Básica de Matosinhos recebeu em 23 e 24 de novembro de 2019 o VII Congresso sobre Medicina e Espiritualidade, que ali fez convergir médicos, enfermeiros, técnicos de saúde e profissionais de outras áreas. Um gosto em comum: medicina e espiritualidade. Não acham isto fantástico?

A Associação Médico-Espírita do Norte (AME Norte) concretizou pela sétima vez o evento que organiza anualmente, desta vez um congresso sobre medicina e espiritualidade, onde todas as pessoas têm lugar e são bem-vindas, sejam espíritas, ateias, agnósticas, católicas, budistas. Isso não importa.
O fulcro da questão é, num ambiente de grande abertura mental, trocar ideias acerca do ser humano, da saúde, da espiritualidade, dando a abordagem da Doutrina dos Espíritos, que passo a passo a ciência materialista tem vindo a confirmar.
Hassan Farhat é um desses médicos, espírita, com a paixão de levar ao mundo algo em que não acredita, mas que é uma realidade. Quando se sabe, se conhece, não é necessário acreditar. Juntamente com meia dúzia de pessoas generosas, sem qualquer ganho monetário (antes pelo contrário, pagando muitas coisas dos seus bolsos), recebe-nos com um sorriso do tamanho do mundo. É impossível ficar-se indiferente.
Na recepção, a gentileza e a simpatia são acompanhadas de um saco com o logótipo da AME Norte, com o programa, papel, esferográfica, um rebuçado e um chocolate. Que toque de ternura, próprio de quem sabe que, de vez em quando, a fome aperta e não apetece sair, tamanho é o interesse dos temas em foco.

O fulcro da questão é, num ambiente de grande abertura mental, trocar ideias acerca do ser humano, da saúde, da espiritualidade, dando a abordagem da Doutrina dos Espíritos, que passo a passo a ciência materialista tem vindo a confirmar.

O congresso, este ano, desdobrou-se entre o auditório principal e um seminário científico, em inglês, só para profissionais de saúde, com uma psiquiatra canadiana, professora e investigadora de experiências de quase-morte (EQM) há mais de 20 anos, a Dr.ª Elaine Drysdale, entre outros. Abordaram também a investigação científica e a ligação entre medicina e espiritualidade. De tarde, outro seminário, à parte do evento central, sobre a espiritualidade e os animais.
No auditório principal, Roberto Lúcio, psiquiatra brasileiro, convidado, fez várias intervenções sobre medicina e espiritismo. Gláucia Lima, igualmente psiquiatra, falou do Alzheimer, bem como da epilepsia refratária. Carolina Bento, psicóloga, falou da família e da comunicação parental. Jéssica Tenório abordou o envelhecimento e a família. Joana Farhat, médica, tinha como tema as investigações científicas sobre o poder do pensamento no campo celular.
A sua colega Lígia Pinto tinha a temática “A fisiologia transdimensional do envelhecimento”. Inês Ruvina tocou no assunto da fibromialgia. Mirellla Colaço, veterinária, falou dos animais e a anfitriã, a médica Paula Silva, tratou o tema ”O doente terminal”, assim como “As neuropatologias do desamor”. Um autodidata em história natural, J. Gomes, fez a ligação entre a natureza, a evolução das espécies e o ser humano, interrogando várias vezes o público com sinceridade: “Não acham isto fantástico?”.
Achei fantástico tudo o que vi: um evento praticamente organizado por uma família, apesar dos múltiplos afazeres pessoais e profissionais, em paralelo com a organização; a boa organização, simples e eficaz, mas com muito bom gosto, o convívio salutar nos intervalos e nos espaços de almoço; a recepção, a livraria, os bolinhos e café (tão oportunos como necessários), os posters temáticos, as filmagens com “Smartphone”; a transmissão on-line gratuita feita pela Associação de Divulgadores de Espiritismo de Portugal (ADEP); os temas (de um modo geral). O evento está disponível em http://bit.ly/34hT8E4, onde poderá, calmamente, assistir a todas as conferências. O casal Eny e Júlio Feliz, colaboradores habituais da AME Norte nesta área, fizeram o registo de vídeo dos dois seminários.
Estamos no alvorecer de uma nova era, a Era do Espírito, e todos estes eventos são quais naves do Espírito, trazendo novos mundos ao mundo das nossas mentes, ainda muito fechadas no materialismo anestesiante próprio desta fase evolutiva do ser humano.
Alguém referiu, com muita propriedade, que as leis da Natureza são o que são, independentemente daquilo em que acreditamos. O Espiritismo não é uma crença, é uma ciência de observação, da qual emana uma filosofia de vida, embasada na ética e na moral que Jesus de Nazaré deixou há 2 mil anos. O Espiritismo tem nas suas bases a existência de Deus, a imortalidade do Espírito, a comunicabilidade dos Espíritos, a reencarnação e a pluralidade dos mundos habitados.
Quem quiser conhecer, terá de ler, pesquisar, estudar (www.adep.pt). Não acham isto fantástico?

Texto: J. Lucas

Opinião de quem lá esteve

O VII Congresso sobre Medicina e Espiritualidade organizado pela AME Norte contou com participantes de outros países, como o Canadá, o Brasil e a Espanha. Pessoas vindas um pouco de todo o país, concretamente de Braga, Barcelos, Esposende, Alfândega da Fé, Caldas da Rainha, Leiria, Marinha Grande, Lisboa, entre outras cidades, marcaram a sua presença.
No átrio que antecede o auditório havia junto à parede uma tela verde e apetrechos eletrónicos ali colocados em função de um “Smartphone” transformado em câmara de vídeo. O efeito final consistiu em aplicar um fundo virtual, como se quem está a responder estivesse em plena praia, entre constelações ou até na neve. Duas colaboradoras da Associação de Divulgadores de Espiritismo (ADEP), Noémia e Raquel, convidam com gentileza indistintamente quem ali passa na proximidade para um diálogo breve.
«Gosto muito destes eventos. Não é a primeira vez que venho e há sempre novidades, há conhecimentos enriquecedores que veem o ser humano como um todo», diz Helena Correia, de Marinha Grande, perto de Leiria. Inquirida na manhã de domingo, disse ter gostado especialmente do tema que versou sobre «O pensamento: o que diz a ciência sobre a sua influência no corpo físico?».
José António Luz, de Leça da Palmeira, afirma que «cada ano que passa há sempre uma diferença em relação aos expositores, à qualidade, aos estudos que vão fazendo. Gostava de destacar a harmonia, a qualidade, a capacidade dos palestrantes e a base que eles têm, que denota estudo».
Luís Pinto, de Braga, assevera: «Estou a gostar muito, mais uma vez. Já é a quarta ou quinta vez» que assiste a um evento destes e «continuo a desfrutar, todos os anos». Pensa que este corolário de eventos «tem mantido um nível alto, e o mérito está em manter esse mesmo nível. Estão mais uma vez a conseguir».
De Vigo (Espanha), Rosa confessa que não é a primeira vez que vem assistir a este grupo de eventos. Disse também: «Considero que é muito interessante que haja estas conferências» para que «o espiritismo venha a ser conhecido e facilite o progresso interior de quem o desejar», no sentido de «ajudar as pessoas a ver a vida de outra maneira».
Encontra estes e outros pontos de vista na página do Facebook da AME Norte, na secção de vídeos.
Há outras opiniões, como é normal. Uma das pessoas presentes disse-nos que satisfariam melhor todas as pessoas se escolhessem apenas os temas francamente bons ou seja, aqueles que têm uma indubitável credibilidade quer do ponto de vista do embasamento nos factos quer do ponto de vista até doutrinário do espiritismo, e os agregassem num único dia em vez de dois.
O certo é que muita gente ali presente adorou o certame e o esforço em tempo pós-profissional dos responsáveis pelo evento merece em pura justiça todo o apoio e consideração.

Congresso inovador incluiu dois seminários

Paula Silva, médica que integrou no seu tempo pós-profissional o grupo organizador do VII Congresso de Medicina e Espiritualidade da AME Norte, conversou connosco.

- Como está a decorrer o congresso?

Paula Silva - A programação é sempre diferente. Tentamos trazer temas novos ligados à medicina e à espiritualidade, mas este ano trouxemos uma inovação. Fizemos dois seminários paralelos. Um dos seminários foi só para profissionais de saúde. E porquê?

Não teve o objetivo de separar as pessoas. Só que sabemos que os profissionais de saúde têm relutância em aceitar este novo paradigma e exigem sempre estudos aprofundados, bem fundamentados em artigos científicos.

Pareceu-nos então que seria importante darmos essa possibilidade de aprofundar assuntos na vertente da medicina, no sentido de chamarmos um pouco mais a atenção desses profissionais de saúde.

Tivemos oportunidade de ter entre nós a Dr.ª Elaine Drysdale, que é professora universitária, uma psiquiatra do Canadá, que, não sendo espírita, há mais de 20 anos que estuda os fenómenos de quase-morte. Trouxemo-la numa perspetiva de abertura para a consciência do homem integral.

- Valeu a pena a mudança de formato?

Paula Silva - Sim, valeu a pena. Essa questão tem sido muito abordada, até nas reuniões da AME Internacional. Sentimos um bocadinho isso. Sentimos que há um público que está mais aberto, que vem, ouve a mensagem e consegue interiorizá-la de uma forma mais fácil, mas há depois um público que gostávamos de sensibilizar – porque vão ser aqueles que têm a possibilidade de dentro dos hospitais, dos centros de saúde de promoverem uma diferença – que têm uma postura mais fechada, ainda muito dentro do paradigma materialista. Há muito que temos vindo a falar da necessidade de trabalharmos esse público-alvo. Parece-nos que é este o caminho. Foi quase como ainda um ensaio, não é?

- Projetos futuros?

Paula Silva - Continuarmos o trabalho que temos feito, que é pequenino, mas que tentamos que vá sendo consistente, e ampliar tanto quanto possível este trabalho um pouco mais direcionado para os profissionais de saúde. Percebemos que esse é um foco muito importante, que a mudança tem de estar também ali.

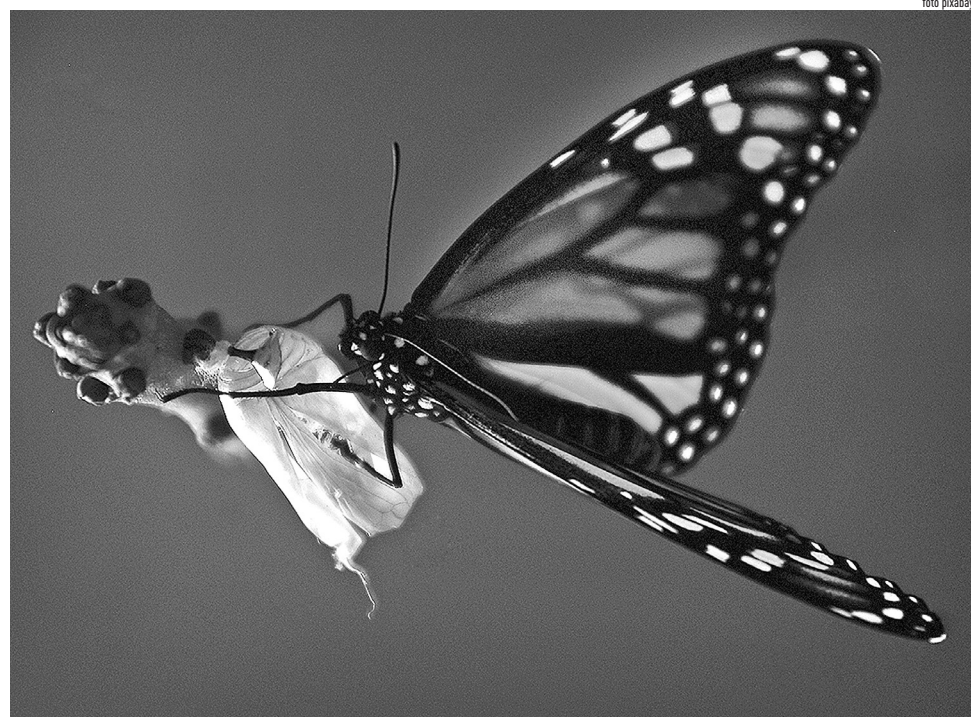
É importante quando nos chega um doente que tem já este conhecimento da espiritualidade, mas o que sentimos é que, da parte dos profissionais de saúde, não há a postura correspondente para olharem o doente nessa perspetiva integral. Então, os nossos projetos vão passar muito nesse sentido.

Já criámos mais um estudo mensal aberto àqueles que quiserem estar presentes dentro da AME Norte, que se faz no primeiro sábado de cada mês, levando um tema científico e levando um tema relacionado com a doutrina espírita, nessa perspetiva de ampliarmos esse conhecimento.

Os nossos projetos futuros são muito por aí. Continuarmos a trabalhar no terreno, aumentarmos o atendimento que temos feito, em que vamos atendendo as pessoas numa perspetiva de uma escuta profissional na área da medicina e da psicologia, incorporando o conhecimento da espiritualidade, ampliarmos esse atendimento e, depois sim, trabalharmos muito nessa área.

Uvas passas e uma nêspera expectante

O final do ano é uma época de balanços. Por entre a azáfama de um plano de festas preenchido até à exaustão, vamos refletindo à pressa sobre o que correu menos bem, as perdas que nos atingiram, os triunfos alcançados e, sobretudo, o muito que ficou por fazer.

foto pixabay

Então, ao toque das doze badaladas, amassamos o mesmo número uvas passas contra a palma da mão e, no meio da euforia, dos confetes e do espumante, ao som de gritos histriónicos e dos abraços calorosos que surgem dos lugares mais inesperados, deita-se à boca aquela fruta ressequida enquanto se formulam desejos sobre o que gostaríamos que o novo ano trouxesse. É uma tradição simpática, especialmente porque o desejo ainda é gratuito e não é tributável. Há alguns anos, em conversa com o meu filho mais velho, perguntei-lhe que sacrifícios estaria disposto a fazer para alcançar o que mais desejava naquele novo ano. O artista, que tem horror a uvas-passas, replicou: "Ter sido obrigado a comer as passas não é sacrifício suficiente?".

É uma piadola com graça, mas não padeceremos do mesmo comodismo? O mundo está em permanente mudança e a nossa vida também. Sabemos isso porque o sentimos na forma como a vida nos devolve aquilo que lhe damos e como isso afeta a relação que estabelecemos connosco e com o que está à nossa volta. No entanto, em demasiadas situações, fazemos pouco para que essas mudanças aconteçam: em vez de assumirmos as rédeas na construção daquilo que mais desejamos, agarramo-nos como ventosas a comportamentos caquéticos, hábitos alimentados durante tantos séculos. Sabemos onde queremos chegar, mas vamos criando a expectativa de que essas mudanças caiam dos céus em forma de luz iluminativa, de uma espécie de intervenção divina ou pelas artes mágicas de uma varinha de condão. Como se Deus fosse uma desculpa foleira para a inação. Tal como a nêspera do poema de Mário Henrique Leiria, que estava na cama, deitada, muito calada a ver o que acontecia, deixamo-nos ficar à mercê da velha inércia e do mesmismo confortador, convencidos que a teimosia nos mesmos comportamentos haverá de conduzir-nos para o destino pretendido, como um náufrago que navega ao sabor da corrente de um rio.

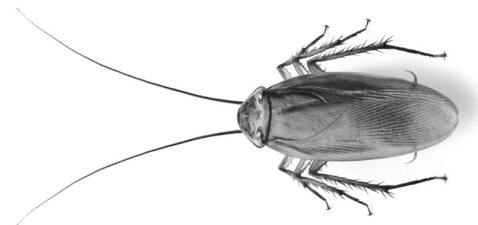
Porque é que será assim tão difícil mudar? Porque exige abdicar de algo que até pode não produzir bons resultados, mas que é conhecido e dominamos. Para mudar é preciso abandonar aquilo que faz parte da nossa rotina íntima, abraçando o desconhecido e a imprevisibilidade. A escolha entre o conforto e a incerteza é uma aposta viciada em que o comodismo poucas vezes se deixa vencer. De que adianta desejar felicidade se não desenhamos um sorriso na cara, não treinamos o otimismo nem fazemos um esforço para interpretar as vicissitudes da vida por um outro lado do prisma? De que serve desejar paz e bem-estar se não ensaiamos a compreensão na relação com os outros, não dotamos de bondade o nosso olhar, nem mudamos o ímpeto para ripostar à mínima contrariedade? Que utilidade haverá em lutar pelas causas em que acreditamos usando fórmulas gastas e bafientas que no passado produziram mais atrito do que iluminação? Mudar é necessário, mas é quase impossível os nossos desejos concretizarem-se se os fizermos constantemente depender de mudanças nos outros. Mudar não é apenas trocar de roupas, de lugares ou pessoas. Quase sempre são alterações inócuas que o tempo se encarregará de revelar. Assumir a mudança é compreender que a construção daquilo que perseguimos começa pela nossa capacidade de renovação, seres em evolução permanente e em constante aprendizagem. É mais fácil mudar por fora do que por dentro. Muda-se constantemente de parceiro, de trabalho e de atividade, à procura de cumprir as expectativas que foram criadas, alimentando uma constante desilusão com as situações enfrentadas e com as pessoas que partilham esse caminho. Vivendo um eterno e inevitável desencanto, esquecemos que só há uma coisa que ainda não se tentou mudar: nós próprios.

Mas a vida é sábia e conspira para nos impulsionar à transformação. De diferentes formas, às vezes até em condições tão dolorosas que nos derrubam sem contemplações, a vida impõe-nos mudanças. A dor, apesar de ingrata e invariavelmente surpreendente, estimula-nos a mudar. O que acontece muitas vezes é que não aproveitamos essa dor para imprimir mudanças à vida. Preferimos concentrar esforços em esquecer a dor, arranjar bodes-expiatórios para ela, anestesiá-la de uma qualquer forma, passando ao capítulo seguinte sem mudar o que era indispensável mudar. Se um processo doloroso não conseguiu imprimir mudanças à nossa vida, é como se ele tivesse não tivesse acontecido. E isso é muito triste! É triste porque existem dores que merecem existir, merecem servir o processo íntimo do nosso crescimento como indivíduos.

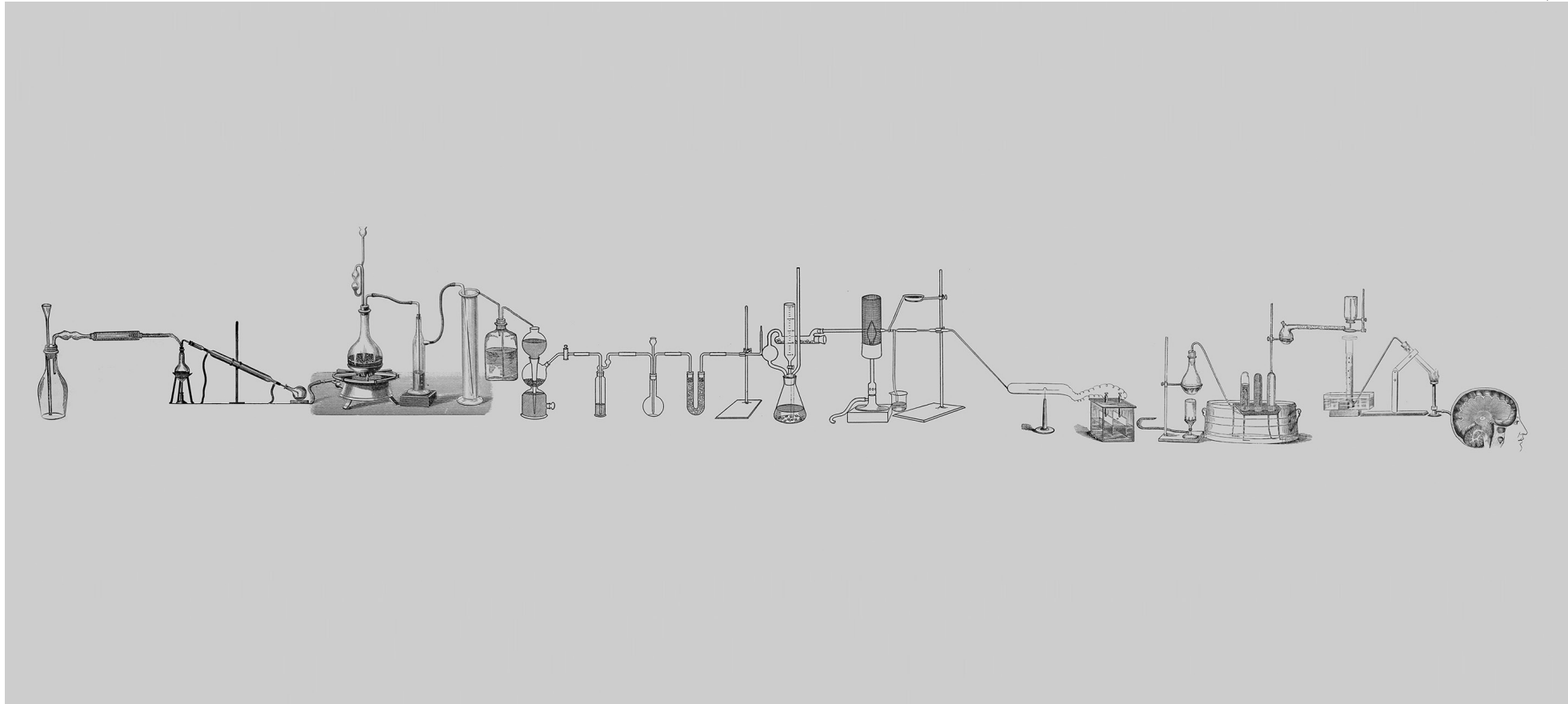
Porque é que será assim tão difícil mudar? Porque exige abdicar de algo que até pode não produzir bons resultados, mas que é conhecido e dominamos.

Quando, no mundo espiritual, idealizámos o percurso de vida que teríamos pela frente, por entre a ansiedade e o nervoso miudinho por mais uma aventura repleta de dificuldades que não sabíamos se teríamos arte para superar, um desejo maior pairava na mente de todos nós: a necessidade de mudança! Víamos a nova vida como mais uma oportunidade para largar a dura crisálida que ainda nos atrofia os movimentos, ensaiando a construção de um ser mais livre, sábio e feliz. Como vai a sua mudança? Escutemos a vida! Ela indica-nos, através de breves, mas preciosos sussurros, aquilo que é preciso mudar.

Votos de um magnífico ano de 2020 para si!

Por Carlos Miguel

Novas de alegria – 23

O Infinito Amor, oculto e omnipresente, mostra-se exímio (ou não fora omnisciente) a escrever direito por linhas tortas.

foto pixabay

Paternal, invariavelmente misericordioso, na Sua mirífica pedagogia aproveitou as travessuras do materialismo racionalista (que "matara Deus" e endeusara a Razão, na pena de Frederico Nietzsche), para o conduzir ao destronar da matéria na cosmologia materialista e levá-lo a concluir que, nada em si mesma, ela é mero estado temporário de energia. Mansamente, a sabedoria divina fez reverter o materialismo zombeteiro do racionalismo em servidor prestimoso da espiritualidade humana!

Se o racionalismo, aprofundando-se em conhecimento, largou o materialismo e chegou ao espiritualismo, não deixa de subsistir um certo espiritualismo de feição materialista. Movimenta-se dentro do Espiritismo e, abominando o termo religião, ateia a falsa questão de o Espiritismo se conciliar ou não com religião. Sim, falsa questão, já dirimida muito claramente no próprio texto e contexto da Codificação, assim como pelo Codificador. É sobre Deus a primeira pergunta de O LIVRO DOS ESPÍRITOS à falange do Espírito de Verdade, desenvolvendo-se o tema por todo o capítulo. E o final do mesmo livro (Conclusão, cap. V) declara explicitamente: "O Espiritismo é forte porque se apoia nas próprias bases da religião: Deus, a alma, as penas e recompensas futuras".

No muito citado "Discurso de Finados" (Revista Espírita, dez./1868), Allan Kardec não nega ao Espiritismo o caráter de religião. Expõe lucidamente a filologia da palavra, concluindo que no sentido filosófico, puro, sim: o Espiritismo é religião "e disso nos gloriamos" (palavras suas). Nunca o negando, continua a discorrer e interroga: "Por que não nos declaramos religião?" E explica muito logicamente: a noção usual e popular da palavra religião conota-se demasiado com ritual, cerimónias, culto externo, hierarquia sacerdotal. Evidentemente, neste sentido o Espiritismo não pode ser religião, nem consta haver dúvidas sequer.

É infundado afirmar que o Espiritismo no Brasil se transformou em religião, nesse sentido pejorativo. E excessivo, injusto, impróprio, banalizar as nobilíssimas figuras espíritas de Chico Xavier e Divaldo Franco, acusando-os de autoproclamada liderança, rotulando de marketing pessoal a frutuosíssima mediunidade e atividade assistencial de ambos, dando-as por desfasadas do lema "fora da caridade não há salvação".

"A ciência sem religião é coxa, a religião sem ciência é cega".

A obstinada alergia à grandeza humana e espiritual de Chico Xavier, faz o surpreendente favor de por uma vez conceder-lhe a dúbia nota abonatória "é um ser humano decente, mas...". Ante a filosofia espírita, a descabida alusão constante à sua exígua escolaridade formal (que aliás nem se nota no impecável discurso oral ou escrito do medium), é esquecer a sua nítida probabilidade dum passado de inteletualidade muito superior à média. O que, a par das alfinetadas à relevante e operosíssima instituição do panorama espírita internacional, que é a Federação Espírita Brasileira, peca por pouca racionalidade.

A religião afasta da racionalidade? No sentido de inteligência racional, em parte sim, sem mal nenhum. A inteligência racional, newtoniana, mecanicista, imperou longamente como paradigma irredutível da ciência convencional e descambou "inteligentemente" em materialismo e ateísmo. Kardec, sereno, seguro e frontal, demonstrou-a incompetente para se pronunciar sobre os fenómenos espíritas que então pululavam por todo o mundo, porque amarrada ao curto paradigma do princípio material do Universo. Kardec demonstrou a existência do princípio espiritual, e que só os dois princípios explicavam a estranha fenomenologia que já ninguém podia negar. Com método científico, fundou a ciência do Espiritismo, apta a estudar aqueles fenómenos, até aí interpretados supersticiosamente. Introduzindo a inovadora fé raciocinada, Kardec fez-se precursor do que a ciência oficial só descobriu mais de cem anos depois: a inteligência emocional (1975, Daniel Gole) e a inteligência espiritual (1995, Michael Persinger, Vilaianur Ramachandra, Danah Zoar e outros), ambas mensuráveis (QE e QS, siglas inglesas, como o QI da inteligência racional).

Albert Einstein falecera muito antes, em 1945. Não conheceu a teoria das inteligências emocional e espiritual, mas a sua praxis de cientista lidava muito familiarmente com elas. Dizia ao professor Huberto Rodhen, seu biógrafo: "A descoberta científica não resulta dum processo racional, mas duma iluminação súbita, uma espécie de êxtase; só depois a razão testa-a experimentalmente". De elevada espiritualidade sem aderir a nenhuma religião instituída, declarou-lhe também: "A ciência sem religião é coxa, a religião sem ciência é cega".

O espiritualismo permanece materialista e agnóstico em algumas mentes: viciadas na racionalidade (que continuará sempre insubstituível na sua área de ação), parecem desconhecer olimpicamente a inteligência emocional e a inteligência espiritual. Mesmo à revelia do conhecimento formal, ao longo da História têm elas solvido problemas científicos, técnicos, artísticos, de saúde, de trabalho, sociabilidade, pessoais, etc. Felizmente são hoje cada vez mais utilizadas com métodos variadíssimos, em autorreprogramação consciente das mentes (renovação íntima) e consequente higienização da psicosfera de todos nós, no nosso mundo Terra a caminho da regeneração.

Por João Xavier de Almeida

Resistir ao suicídio

João estava desesperado. Fora despedido. A empresa falira, engolida no egoísmo de quem a geria. A esposa, empregada fabril, tinha sido despedida há 2 meses.

foto pixabay

João pensava nos dois filhos que tinha para criar, de 15 e 17 anos. Almejava dar-lhes um curso superior, que agora ia pelo cano abaixo. Faltavam dez anos para acabar de pagar o empréstimo da casa, e agora não tinha como. O futuro tinha fugido, de repente. Não tinha saída.
A solução estava ali à mão de semear.
Vivia perto da linha de comboio, perto de uma curva, seria uma morte rápida e sem grande dor, pensava no seu íntimo.
Nessa noite, deitou-se pela última vez ao lado da esposa, carcomida pelas dificuldades da vida, tal como ele. Olhou para ela, dormindo, cansada, e uma lágrima de tristeza misturada com ternura rolou pela face.
Não podia fraquejar!
Levaria o seu plano por diante, após a rotina diária de desempregado, após o café diário, no café do sr. Joaquim. Assim não daria nas vistas.
Ajeitou-se nas mantas, e sem saber como nem porquê, lembrou-se da sua falecida mãe, que lhe falava do seu anjo da guarda ou guia espiritual. Nunca fora dado a essas coisas da espiritualidade. Ela morrera, e era apenas uma leve recordação.
Adormeceu.
Teve um sonho muito nítido, onde se via lado a lado com um ser luminoso, que o levava a visitar um local sinistro, sombrio, onde a dor não tem palavras para ser relatada. Olhou para uma tabuleta que encimava a entrada: "Vale dos suicidas". O seu companheiro de viagem durante o sono (o seu guia espiritual) mostrava-lhe ali o estado de inúmeras pessoas que, pensando tudo acabar com a morte do corpo de carne, ali sofriam os horrores da desilusão, até que um dia, por mérito próprio, sejam resgatadas pelos espíritos benfeitores, levando-as para um local mais calmo, em preparação para nova reencarnação.
Gritos, tiros, apitos de comboios, gemidos de dores, de tudo um pouco ouvia, e aquilo perturbou-o imenso. Pediu para voltar. De repente, acordou alagado em suor.
Cinco da manhã! A esposa dormia tranquila…
"Que raio de sonho!", pensou… Deviam ser preocupações devido ao que planeava.
Mas, aquilo tinha sido tão nítido, que não conseguiu dormir mais, e continuou até de manhã a matutar naquele sonho que para ele parecia realidade. Se fosse daqueles que acreditavam nas coisas da espiritualidade, iria jurar que tinha sido real. Mas não, a vida para além da morte não existe, cogitava ele, enquanto se procurava acalmar.
No dia seguinte levantou-se, fez a rotina diária e, enquanto tomava o café no Café do seu bairro e lia as notícias do dia, antes do fatídico momento que tinha preparado, apareceu-lhe o Vítor, amigo de sempre. "Pobre coitado, o filho fora assassinado no bairro, faz quase um mês, sem ter culpa nenhuma, e o homem, mesmo assim aguentou-se", pensava com os seus botões.
Depois dos cumprimentos da praxe, Vítor mandou vir um café, pousando um livro sobre a mesa.
"Que andas a ler, perguntou o João?"
"Ah, é um livro que me tem ajudado muito", disse Vítor. "Imagina que o André, o nosso vizinho é espírita, faz parte daquelas reuniões todas as quartas-feiras, naquele grupo espírita ali à beira da mercearia do António. Nunca acreditei nessas coisas. Ele convidou-me a lá ir, e destroçado com a morte do meu filho, lá fui".
"Oh homem! Vim de lá novo. Este livro, "O Livro dos Espíritos", de Allan Kardec, abriu-me os horizontes da vida. Tenho ido às reuniões e venho sempre de lá melhor. Até tenho esperança de um dia receber uma mensagem do meu filho".
João estava atónito, pois desconhecia a fé daquele homem, a quem tinham morto o seu único filho e esperança para o fim da sua vida.
"Queres ir lá um dia comigo?", perguntou o Vítor.
"Bem sei que não acreditas em Deus, mas vais ver que é diferente".

"Imagina que o André, o nosso vizinho é espírita, faz parte daquelas reuniões todas as quartas-feiras, naquele grupo espírita ali à beira da mercearia do António. Nunca acreditei nessas coisas. Ele convidou-me a lá ir, e destroçado com a morte do meu filho, lá fui".

João irrompeu num pranto, soluçou, para espanto do seu colega de mesa e dos restantes que estavam nas mesas ao lado.
Depois de se acalmar, João lá lhe contou do seu projecto para dali a minutos quando o comboio passasse. Contou-lhe o sonho vívido que tivera, a lembrança repentina da sua mãe antes de adormecer e agora aquele encontro inopinado, e ainda as mais inopinadas revelações da frequência do seu amigo às reuniões.
Seria um sinal para que não se matasse? Cogitava agora em voz alta.
Vítor levou-o ao centro espírita.
João pôde ali lavar a alma, com um dos dirigentes presentes, que lhe falou das inúmeras provas da imortalidade do espírito, da comunicabilidade dos espíritos, da reencarnação e da esperança em dias melhores.
O comboio acabou por passar, apitando na dita curva, enquanto eles iam falando da espiritualidade e da imortalidade.
Ali, naquele momento, João apanhou o comboio da vida de novo e ainda hoje pensa que se não fosse o espiritismo, talvez estivesse naquele lugar do seu sonho, a carpir as mágoas, próprias de quem tenta em vão fugir da vida e das leis sábias de Deus.
A esperança estava de novo ali, pois havia a perspectiva de ir trabalhar como jardineiro para a casa de um dos frequentadores do grupo espírita em que fora socorrido.
Pensava com os seus botões: nos momentos difíceis é fundamental… resistir ao suicídio.

Texto: José Lucas

Paciência

A paciência tem muito de dar à luz. É campo fértil potenciador de todos os dons imateriais da alma.

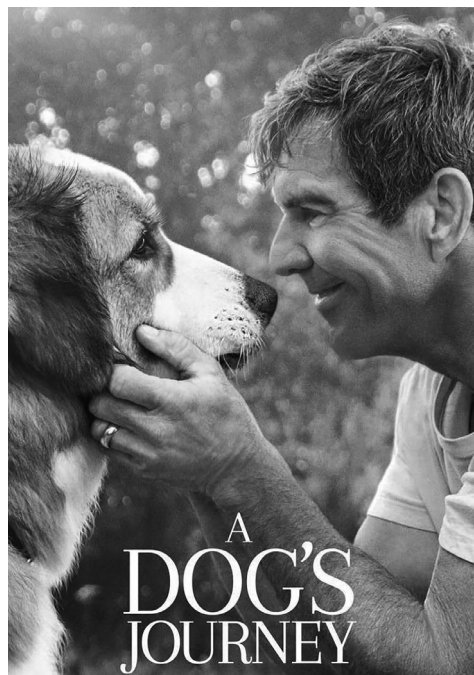
foto pixabay

Com o mínimo de abertura, entendimento e aceitação das leis naturais que regem a evolução dá-se o momento mágico da paciência fecundada. Nesse encontro forja-se o mistério detonador do milagre da vida e, por ela, a graça de poder aprender. Uma paciência grávida é essência das obras-primas. Deve ser cuidada, mantida e vigiada com o auxílio da esperança na dupla função de placenta e parteira do bom, nobre e belo. Só uma pressão paciente faz o diamante. Quem isso não sente por existir?
O nosso âmago alimenta-se de uma hidratação gota a gota até que a alegria em lágrimas nos atravesse depois de cada parto. Onde estarão as dores se no colo da nossa intimidade nos sorri um filho de amor imperecível para cuidar? Não importa se nasce esta ou aquela virtude. Quando nasce a primeira todas as outras (des)conhecidas lhe procuram inevitavelmente a irmandade.

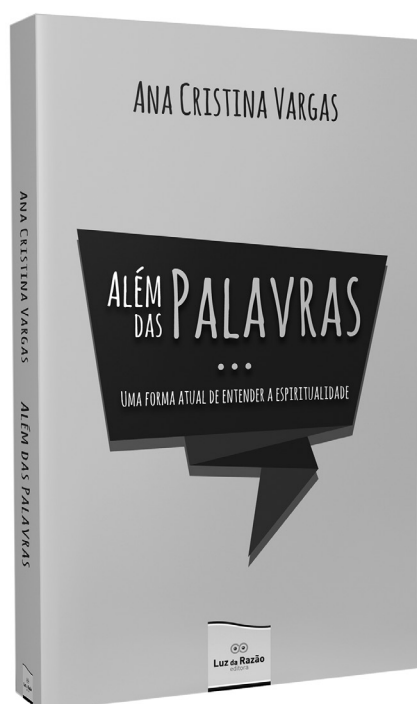
Não precisamos de ir ao fundo para conhecer o que é profundo.

As contrações da vida testam a resistência da nossa paciência. Quando se entra em trabalho de parto para a mudança o diamante do porvir esquece a resistência que lhe vem do início quando era carvão. Indubitavelmente a paciência diminui. Além disso, aumenta o risco de abandono de experiências salutares.
O paciente de boa vontade semeia, cuida e confia na força da vida que tudo faz crescer no seu tempo. Não no nosso. Podemos fazer do relógio a prisão para o deter, mas por entre as grades de cada segundo o tempo esquiva-se à velocidade da luz.
Para avançar no caminho de modo sensato é preferível ser paciente e ter como meta a difícil linha do horizonte onde o céu toca a terra, do que andar ansioso por um resultado imediato onde só provamos o sabor seco do pó.
Não precisamos de ir ao fundo para conhecer o que é profundo. Carregamos connosco a leveza da esperança como balde e da paciência como (a)corda. O que pesa menos no fundo do poço – corda, balde e água – menos pesa na superfície quando içamos o que nos acalmará os sintomas da canícula.
A nossa força é proporcional à nossa sede. Se o peso do nosso peso entrasse no poço que poder nos resgataria do fundo? E se acrescentássemos o peso da nossa sede de alcançar a felicidade plena? Só uma valentia Criadora inexaurível nos poderia acolher. E quantas vezes isso nos é revelado no anonimato através de corações abnegados, fraternos e generosamente nossos amigos?
Sendo assim: nenhum flagelo pode ser maior do que a esperança da paciência mais fecunda. O que queremos vencer e ver nascer de nós?
Quando se espera o infinito a Paciência vale-se do essencial de incalculável valor futuro.
Trazemos connosco o exponencial da Paciência: um AMOR singular de vida eterna. Habita-nos em grãos. São o júbilo da cauda dos cometas que nos lembram pirilampos abrasadores na nossa alma depois da coroa da sublime paciência nos invadir gentilmente a atmosfera do coração. Desde esse clarão bate-nos no peito, sem parar, a possibilidade da ousadia e da arte de florir perfume. É a loucura da paciência. Em nós tudo suporta, tudo espera e tudo alcança.

Por César Almeida

Juntos para Sempre - II

Baley é um cão divertido e trapalhão que procura entender qual o seu propósito na vida no seio da família que ele adora.
Ao chegar ao fim dos seus dias, o dono pede-lhe que siga o seu caminho com a nova missão de proteger a neta CJ. E é desta forma que vamos acompanhando as sucessivas encarnações de Baley em diferentes raças caninas, cheias de peripécias e situações engraçadas, tendo sempre o propósito de encontrar CJ e cumprir a missão que lhe tinha sido destinada. Esta história é a continuação do filme de 2017, apresentada com o mesmo título em Português, e em que ficamos a conhecer como Baley encontrou o seu dono Ethan e como decorreu o seu périplo através de várias vidas até ao reencontro desejado com ele.
Esta é uma história ficcional que entretém, recheada de situações hilariantes e de cachorrinhos de aspeto ternurento que a temática da reencarnação aproxima ainda mais do público espírita. No entanto, apesar de abordar o tema da reencarnação, não se pode considerar que está de acordo com aquilo que defendem os princípios espíritas. Socorramo-nos de "O Livro dos Espíritos" de Allan Kardec:
597. Pois se os animais têm uma inteligência que lhes dá uma certa liberdade de ação, há neles um princípio independente da matéria? — Sim, e que sobrevive ao corpo.
597 – a) Esse princípio é uma alma semelhante à do homem? — É também uma alma, se o quiserdes: isso depende do sentido em que se tome a palavra; mas é inferior à do homem. Há, entre a alma dos animais e a do homem, tanta distância quanto entre a alma do homem e Deus.
598. A alma dos animais conserva após a morte sua individualidade e a consciência de si mesma? — Sua individualidade, sim, mas não a consciência de si mesma. A vida inteligente permanece em estado latente.
599. A alma dos animais pode escolher a espécie em que prefira encarnar-se? — Não; ela não tem o livre-arbítrio.
600. A alma do animal, sobrevivendo ao corpo, fica num estado errante como a do homem após a morte? — Fica numa espécie de erraticidade, pois não está unida a um corpo. Mas não é um Espírito errante. O Espírito errante é um ser que pensa e age por sua livre vontade; o dos animais não tem a mesma faculdade. É a consciência de si mesmo que constitui o atributo principal do Espírito. O Espírito do animal é classificado, após a morte, pelos Espíritos incumbidos disso e utilizado quase imediatamente; não dispõe de tempo para se pôr em relação com outras criaturas.
Dessa forma, de acordo com o Espíritos que colaboraram com Allan Kardec para a construção da Doutrina Espírita, os animais possuem um princípio inteligente que ainda não tem consciência de si mesmo. Reencarnam e evoluem para que através das diferentes experiências e de um horizonte temporal difícil de estimar, possam realizar o seu progresso e atingir um dia as condições necessárias para ter consciência de si mesmo, atributo definido como o principal para assunção a categoria de Espírito.
A tendência crescente de humanização dos bichos é algo que penaliza animais e pessoas. A Natureza é uma obra artística que se acanha quando a pretendemos humanizar. A Natureza (e os animais) deverá ser preservada, protegida e acarinhada com reverência, admiração e respeito, sentida como arte transcendente e de transformação. No entanto, a tentativa de humanização deverá ser direcionada para o Homem, que tão vincados traços ainda revela da sua brutalidade.
Título Original: "A Dog's Journey"
Realização: Gail Mancuso
Elenco: Betty Gilpin, Dennis Quaid, Jake Manley
EUA, 2019 – 108 min

Por Carlos Miguel

Além das Palavras…

É um pequeno livro de Ana Cristina Vargas, autora brasileira que se dedicou ao estudo do Espiritismo. Ainda jovem, teve contacto com os fenómenos mediúnicos, que estudou e que a levaram ao conhecimento do Espiritismo. Hoje podemos dizer, com segurança, que a doutrina codificada por Allan Kardec explica-nos o fenómeno mediúnico de forma clara e racional. Esteve este envolto nas "trevas da ignorância" durante séculos e séculos, levando ao fanatismo que causou muita violência e dor.
O presente livro tem por base o estudo da terceira obra da Codificação Espírita: "O Evangelho segundo o Espiritismo", que viria a ser publicada em Abril de 1864, com o título de "Imitação do Evangelho segundo o Espiritismo", conforme notícia na "Revista Espírita" do referido mês e ano.
Ana Vargas analisa toda a obra em 11 capítulos, fixando-se nos temas que muitas vezes são ainda incompreendidos e desvirtuados. Começa por nos chamar a atenção para Jesus, o qual transformamos num mito e cujas lições dogmatizamos. Para tal, toma por base a Introdução de "O Evangelho segundo o Espiritismo".
No segundo capítulo, fala-nos das leis naturais, descritas nos quatro primeiros capítulos deste livro, nomeadamente a pluralidade das existências (reencarnação) e a pluralidade dos muntos habitados. No terceiro capítulo, Ana Vargas fala-nos das leis morais que Jesus tão bem expôs nas Bem-Aventuranças e que Allan Kardec descreve nos capítulos V, VII, VIII, IX e X de "O Evangelho segundo o Espiritismo".
Fala-nos depois da lei do amor, da caridade moral e da caridade material, da riqueza, entre outros assuntos importantes para compreendermos as lições que Jesus nos trouxe com tanto sacrifício e renúncia.
No que respeita a Mamon, a autora diz-nos que transformámos a relação humana com o dinheiro num verdadeiro tabu: «Transformaram-na em algo cercado de preconceitos, em que mencionar a palavra dinheiro ou fazer referência à necessidade de bens materiais, torna impuros "locais, cerimónias ou reuniões sagradas".» A riqueza e a pobreza são sistemas para o espírito experienciar e assim evoluir. A riqueza promove o trabalho e a instrução; a pobreza a paciência, a resignação e a firmeza.
A leitura deste pequeno livro abre-nos horizontes para entendermos melhor a sabedoria que Jesus nos deixou, contribuindo assim para vivermos melhor.

Edição: Luz da Razão Editora – Porto.
geral@luzdarazao.pt - www.luzdarazao.pt

Por Carlos Alberto Ferreira

IMPRESSÃO DIGITAL
Entrevista a frequentadores

foto direitos reservados

Fernando Pinheiro Martins, hoje reformado da sua profissão, conta 67 anos e mora em Albergaria-a-Velha.

- Como conheceu o Espiritismo?
Fernando Pinheiro Martins - Conheci o espiritismo por volta do ano 2000. Em tempos observei, em casa de um padre, uma ação sobre uma mulher que consistia no «fechar da morada». Tudo aquilo me intrigou e passados alguns anos e alterações familiares, fiz pesquisa na internet e encontrei uma casa espírita. Li a obra de Kardec, vários livros sobre o tema e frequência de diversos cursos. Em complemento fiz um na FLUP - Crenças religiosas, valores e globalização.

- Frequenta algum centro espírita?
Fernando Pinheiro Martins - Devido à alteração de morada tive de deixar a Comunhão Espírita Cristã de Rio Tinto, na qual me tornei trabalhador da casa.

- Qual a sua opinião acerca do «Jornal Espiritismo»?
Fernando Pinheiro Martins - A divulgação da mensagem espírita, com artigos bem elaborados e elucidativos, torna o «Jornal de Espiritismo» o grande difusor da doutrina.

- Do que conhece do Espiritismo, mudou alguma coisa na sua vida?
Fernando Pinheiro Martins - O espiritismo levantou o véu. Entendi a vida para além da vida física, a vida espiritual. Este saber trouxe-me a possibilidade de diálogo com muitos espíritos por intermédio de outra pessoa querida.

Sabia que?

AMÉLIA REIS

01 César Lombroso, cientista e pesquisador italiano, ao entrar no campo da mediunidade, ridicularizava pesquisas e textos sobre o assunto, como no seu opúsculo “Studi sull’ipnotismo” (Turim, 1882); porém, ao estudar e experimentar profundamente os fenómenos espíritas, publicou em Julho de 1888, no jornal “Fanfulla della Domenica” (n.° 29) um artigo intitulado “L’influenza della civilta e dell ocasione”, em que assumia os seus erros quanto ao que dissera acerca do Espiritismo, tornando-se então um defensor das ideias espíritas na Itália do seu tempo?

02 Os Espíritos Superiores apontam, como o tipo mais perfeito que Deus ofereceu aos homens para lhes servir de guia e modelo, a figura de JESUS?

03 Em 30 de Dezembro de 2005 foi concedido a Divaldo Pereira Franco e a Nilson de Souza Pereira o título de “Embaixador da Paz no Mundo” pela “Embassade Universelle Pour la Paix” em Genebra, na Suíça, passando Divaldo Pereira Franco a ser, a partir de então, o duocentésimo-quinto “Embaixador da Paz no Mundo” e Nilson de Souza Pereira, o duocentésimo-sexto?

04 A Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, fundada em 1855 por Allan Kardec, funcionava nos primeiros tempos com 87 sócios efetivos, chegando o número de visitantes a atingir as 1500 pessoas por ano?

05 Vai realizar-se em Lisboa, nos dias 3 e 4 de Outubro, o Congresso Espírita Internacional (2020), com o tema “Transição Planetária - Desafios e Soluções”?

06 Além dos nossos Guias Espirituais que nos orientam durante toda a existência, temos também Espíritos familiares que tentam ajudar-nos embora essa ajuda seja, frequentemente, bastante limitada?

O pagamento

INFANTIL
Por Manuela Simões

Era uma vez um rajá que estava cansado de fazer sempre as mesmas coisas. Os assuntos do reino eram sempre os mesmos e, por mais que tentasse ocupar-se com alguns jogos e passatempos, estava farto daquela rotina. Com o passar do tempo, começou mesmo a entrar em depressão. O grande problema é que o seu desânimo era tanto que começou a descuidar-se com o que se passava no reino. Era uma questão de tempo até que o reino caísse por falta de empenho do rei.
Vendo o perigo em que estava o reino a entrar, vários sábios tentaram inventar algumas ideias para animar o rajá, mas apenas um conseguiu apresentar uma ideia que conseguisse despertar o interesse do rei da Índia. Esse sábio apresentou um tabuleiro com 64 quadrados, onde alternavam casas brancas e pretas, com diversas peças, também brancas e pretas, que representavam reis e rainhas, bispos e outras personagens do reino. Dizia ele que o jogo se chamava Xadrez.
O rajá e o sábio passaram dias a jogar aquele jogo. O ânimo do rei começou a ser bastante visível. Com o entusiasmo que voltou a ter ao acordar, voltou a governar o seu reino e conseguiu evitar o problema da queda do reino.
O rajá estava tão contente com o sábio que quis recompensá-lo.
- O que queres como recompensa por me teres ajudado a recuperar a minha vontade de viver?
À primeira, o bom homem não quis aceitar tal oferta, mas perante a insistência do seu rei resolveu fazer um pedido muito simples.
- Quero apenas um grão de trigo para a primeira casa do xadrez, na segunda casa o dobro da casa anterior, ou seja, dois grãos de trigo. Na terceira, quatro grãos e sempre assim, o dobro da casa anterior até à última.
O rajá chegou a achar graça, com a ingenuidade do pedido. Pedir apenas uns grãos de trigo...
Mandou chamar o seu matemático para que ele fizesse as contas dos grãos que os seus criados deveriam ir buscar aos celeiros do reino para pagar ao humilde homem. O matemático começou então a duplicar os números uns após os outros: dois, quatro, oito, dezasseis, trinta e dois, ... após fazer vários cálculos...
- Ai, majestade! Não há no mundo inteiro trigo suficiente, para pagar esta conta...!
Descobriram assim que o pobre homem, era mesmo um grande sábio e mostrou que há serviços que não têm forma de se pagar.

(Conto indiano)

Estado do Ambiente na Europa em 2020

foto arquivo

No início do mês de dezembro, a Agência Europeia do Ambiente divulgou um relatório sobre o Estado do Ambiente na União Europeia que aponta falhanços às políticas de combate às alterações climáticas.
É o relatório mais exaustivo sobre os impactos ambientais alguma vez realizado na Europa. Apesar de alguns avanços na redução da poluição atmosférica e dos gases de efeito-estufa, os objetivos para a proteção da natureza e perda de biodiversidade estão longe de serem cumpridos. Na apresentação do relatório, Hans Bruyninckx, diretor executivo da AEA, afirmou que "O ambiente da Europa está num ponto de viragem. Nos próximos dez anos, temos uma estreita janela de oportunidade para ampliar as medidas destinadas a proteger a natureza, reduzir os impactos das alterações climáticas e reduzir radicalmente o consumo de recursos naturais".

O relatório defende que o atual conjunto de políticas europeias para o ambiente oferece uma base essencial para o progresso futuro, mas não é suficiente.

Segundo o relatório, a Europa não alcançará a visão de uma sustentabilidade dentro dos limites do nosso planeta se continuar a promover o crescimento económico tentando apenas gerir os impactos ambientais e sociais que esse crescimento gera. Assim, a AEA estimula os países da União Europeia e os seus líderes a aproveitar esta oportunidade, usando a próxima década para acelerar as ações ambientais e comprometer-se a longo prazo com os objetivos ambientais para que seja possível evitar as consequências mais negativas. O relatório defende que o atual conjunto de políticas europeias para o ambiente oferece uma base essencial para o progresso futuro, mas não é suficiente. A Europa precisa de fazer as coisas melhor e precisa de abordar alguns desafios de forma diferente, repensando os seus investimentos, instigando à criação de mais ações políticas para alcançar mudanças fundamentais nos sistemas de produção e consumo que modelam o modo de vida atual. Assim, a AEA aconselha os países europeus a usar a sua rede de influência diplomática e económica para promover a adoção de acordos internacionais ambiciosos em domínios como a biodiversidade e a utilização de recursos. Finalmente, os autores do estudo acreditam que será necessário reorientar o setor financeiro para apoiar projetos e promover o investimento sustentável.
Hans Bruyninckx defende que não vai ser preciso inventar a roda para produzir as mudanças que precisamos: "Nós temos os conhecimentos e as tecnologias. Já dispomos hoje das ferramentas necessárias para tornar sustentáveis os principais sistemas de produção e consumo: a alimentação, a energia, a mobilidade. O nosso bem-estar e prosperidade futuros dependem disso mesmo."

Por Carlos Miguel

ÚLTIMA

Porto: Workshop sobre jornalismo

Sábado, dia 8 de fevereiro, entre as 15h00 e as 17h30, terá lugar no auditório do Centro Espírita Caridade por Amor, na cidade do Porto, um workshop que será ministrado por um facilitador que colabora com o "Jornal de Espiritismo", publicado pela ADEP, cuja tarefa será dar as dicas essenciais para escrever mais facilmente dentro do estilo jornalístico, bem como aprender a distinguir os diferentes géneros desse mesmo estilo.
O programa prevê a apresentação de ideias essenciais, havendo depois uma parte prática. De inscrição gratuita, embora nessa data possa já ser tarde, os interessados devem manifestar a sua vontade de participar até 31 de janeiro de 2020 através deste e-mail - adep@adeportugal.org
Depois disso receberão uma ficha de inscrição para saber das suas motivações. Se tem vontade de aprender a passar de forma mais eficaz as suas ideias de forma escrita, veja se ainda há vaga, pois este workshop vai admitir apenas 20 inscrições. Quem receber confirmação da inscrição, deverá levar bloco de notas e esferográfica.

Congresso espírita internacional

A Federação Espírita Portuguesa está a organizar um congresso internacional que decorrerá em Lisboa em 3 e 4 de outubro de 2020. Subordina-se ao tema «Desafios e soluções».
A instituição organizadora afirma no seu site que «este Congresso Espírita Internacional, reunindo espíritas de várias latitudes e experiências geográficas e socioculturalmente diversificadas, procurará privilegiar as abordagens que contribuam para ampliar as diversas dimensões do tema da transição planetária, contribuindo para o debate, para a permuta de experiências e para a construção de plataformas de reflexão».
Para assistir terá de se inscrever. Para esse efeito encontra mais informações no site da FEP - https://feportuguesa.pt.

Bolsas de investigação científica

A Fundação Bial continua o seu esforço de juntar cientistas em torno da pesquisa de fenómenos parapsicológicos e psicofisiológicos. Para esse efeito de dois em dois anos no auditório da Casa do Médico, na cidade do Porto, organiza o simpósio "Aquém e Além do Cérebro". Em 2020 terá lugar o 13.º Simpósio, cujo tema geral se subordina a "O mistério do tempo" e decorre entre os dias 1 e 4 de abril. As inscrições estarão abertas a partir de meados de janeiro.
Há temas muito interessantes entre as numerosas bolsas de investigação. Por exemplo, o NUPES, inserido na Universidade Federal de Juiz de Fora, do Brasil, "obteve um financiamento de 46500 euros da Fundação Bial (Portugal) para a pesquisa "Levantamento nacional de casos tipo reencarnação no Brasil", escreveu nas redes sociais da internet o médico psiquiatra Prof. Doutor Alexander Moreira-Almeida. Esta pesquisa está a ser feita em parceria com a Universidade de Virgínia (EUA). Mais detalhes sobre o grupo parceiro e este tipo de investigação - https://med.virginia.edu/perceptual-studies/our-research/children-who-report-memories-of-previous-lives

CARTOON